

Fernando Pessoa

[Cartas a João Gaspar Simões — 11 Abr. 1933]

Apartado 147.

Lisboa, 11 de Abril de 1933.

Meu querido Gaspar Simões:

Muito obrigado pelas suas duas cartas — uma que se cruzou com a minha, a outra chegada agora mesmo.

Acabei ontem de passar a limpo os *Indícios de Ouro*. Vou ainda rever a minha transcrição, para eliminar desde já quaisquer erros que haja; de sorte que só amanhã lhe mandarei essa parte final do livro.

O caso de o livro incluir ou não os últimos poemas resolveu-se-me automaticamente à medida que eu o ia passando a limpo. Os *Indícios de Ouro*, apesar de constituídos por poemas vários, e escritos sem intenção de formar um livro com esta ou aquela unidade, têm contudo uma nítida congruência íntima; representam, através dos vários poemas, uma fase absolutamente clara da vida mental do autor. A *Caranguejola* — que v. conhece da *Athena*, e que é o penúltimo poema do livro propriamente dito — destoa nitidamente do conjunto, e do mesmo modo destoam os tais últimos poemas. Visto isto, omiti do livro a *Caranguejola*, passando-o a limpo até fechar com *Último Soneto*.

O Sá-Carneiro várias vezes — e baseando-se sempre no instinto de uma morte prematura, naturalmente porque sentia que a daria a si mesmo — me falou da publicação, depois da morte dele, de qualquer livro que deixasse, dizendo-me que fizesse do livro o que quisesse e como quisesse. Esta autorização tem, evidentemente, limites — limites que qualquer pessoa, recebedora de tal encargo, a si mesma impõe. Creio, porém, que não excedo esses limites, antes me conformo absolutamente com o encargo, fazendo o livro consistir no que vai trasladado, e deixando os outros poemas para formar uma parte final e

suplementar do volume que, nas *Obras Completas*, contenha os poemas. Refiro-me, não só aos últimos poemas que tenho, mas ainda aos tais outros possíveis que porventura venham a aparecer entre as cartas de Sá-Carneiro. (Isto responde implicitamente à sua pergunta, se os últimos poemas por si podem dar um livro; está claro que não, pois, ainda com o que venha a aparecer, não passarão de uns dez ou doze, sendo por enquanto, com a *Caranguejola*, seis. Mas, como vê, o meu critério é outro).

No decurso desta semana farei a nota preliminar para os *Indícios de Ouro*; devo enviar-lha, o mais tardar, na segunda-feira próxima. Por essa altura deve v. também já ter aí completo *O Guardador de Rebanhos*. Esse também tem um breve prefácio, que seguirá mais tarde ; mas, enfim, o que v. quer é ter os originais.

Nisto, aliás, não tenha receio. A demora tem sido devida a uma falta absoluta de tempo, como lhe disse.

Dada a constituição do livro do Sá-Carneiro da maneira que acima indiquei, acho que está certíssimo que se publique na *Presença* o único poema dos *Últimos* que está inédito. Ela aí vai. Compreenderá logo por que razão não veio na *Athena*: a magnífica (e dolorosa) brutalidade de expressão na quadra «seguir pequenas» era estranha à índole daquela revista, ao passo que o não é à da *Presença*, como o não seria à do *Orpheu*.

Quanto à minha colaboração, seguirá amanhã, com o resto dos *Indícios de Ouro*.

Parece-me que isto abrange quanto lhe queria dizer hoje. Qualquer coisa, que me haja esquecido, direi amanhã.

Um abraço do seu muito amigo e admirador,

Fernando Pessoa.

11-4-1933

Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. (Introdução, apêndice e notas do destinatário.) Lisboa: Europa-América, 1957 (2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1982): 104.